

Biografia: proposta de compreensão fenomenológica

Gustavo Gil Alarcão¹

Resumo

O artigo tem como objetivo oferecer uma compreensão fenômeno-estrutural da noção de biografia a partir de uma análise fenomenológica sobre a forma de utilização desse conceito. Pretende demonstrar o caráter restritivo de se considerar apenas a modalidade causal de sucessão dos fatos vividos como essência da noção de biografia. Além disso, busca evidenciar a dificuldade de utilização dos conceitos teóricos quando o objeto de estudo é o ser-humano: ao mesmo tempo em que as metodologias teóricas proporcionam avanços no conhecimento da condição humana podem distanciar-se das vivências e encarcerarem-se em sistemas herméticos, convincentes e afastados da vida.

Palavras-chave: Biografia; Estrutura; Conceitos Teóricos; Metodologia Fenômeno-Estrutural.

Biography: proposed for phenomenological comprehension

Abstract

The article intends to offer a phenomeno-structural comprehension of the concept of biography by analyzing in a phenomenological way the method of the utilization of this concept itself. The article also expects to demonstrate the restrictive character of considering only the causal modality of succession of the living facts as the essence of the concept of biography. Besides, it claims to clarify the difficulties in applying theoretical methodologies when the object of study is the human-being itself: the theoretical methodologies promote great development towards the knowledge of the human condition however they

¹ Psiquiatra e psicoterapeuta, especialista pelo Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq- HC FMUSP). Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE). Email: gustavogilarcao@yahoo.com.br

can distance from de living experiences and even more they may turn into closed, convincing and apart of life systems,

Key-words: Biography; Structure; Theoretical Concepts; Phenomeno-Structural Methodology.

1. Introdução

Todo campo do conhecimento humano é composto por certas delimitações de interesse. A partir dessa primeira fronteira acumulam-se informações capazes de constituir certa modalidade de organização de ideias que se articularão de maneira mais ou menos consistente e convincente. Esperamos que os campos do conhecimento tragam contribuições e “novos” olhares para aquilo que destacam como seu objeto de estudo.

Nosso campo do conhecimento debruça-se sobre a natureza humana, interessado em compreender algo mais acerca das manifestações psíquicas, ou melhor posto, acerca do psiquismo. Para tanto desenvolveu um espírito próprio a partir das propostas iniciais de Husserl (2006), fundador da fenomenologia e do método fenomenológico. A tradição psicopatológica trouxe a fenomenologia para o campo das experiências psíquicas e criou tanto um corpo próprio de conceitos quanto uma metodologia de aplicação. Estas duas coordenadas maiores têm como objetivo comum encontrar as essências fundamentais de determinada experiência psíquica.

A ideia para este texto é propor algumas considerações acerca da noção de biografia. É necessário articular esta idéia com as concepções do campo fenomenológico, sobretudo, com a noção de estrutura psíquica. Proporei uma observação que considero reveladora de um paradoxo, ao mesmo tempo, fonte de nosso progresso e possibilidade de nosso distanciamento: os campos de estudo sobre o psíquico evoluíram justamente por terem deixado em suspenso a biografia, a história de vida e terem lançado olhares específicos que enquadram e organizam os fatos destacados pelos próprios campos de estudo. Em outras palavras, o campo cria suas regras e faz uma nova leitura da realidade, que só é possível pelas regras criadas pelo próprio campo. Isto dá concisão interna, porém pode provocar algumas confusões a serem examinadas.

1.1 O essencial do método

A *epoché* fenomenológica coloca entre aspas, em suspensão, todos os componentes da experiência vivida: conceitos, juízos, objetivos, certezas, aparências, generalizações para atingir e experienciar o que há de prévio à esta experiência (Tatossian, 2006). Contudo, não nega fatos e realidades da experiência, apenas acautela-se na formação de suas hipóteses. Quer observar como a consciência articula-se na percepção, apreensão, compreensão, formulação, articulação e expressão daquilo que usamos para compor nosso psiquismo. Significa dizer que, antes de conclusões apressadas, a fenomenologia quer analisar os entrelaçamentos dos vividos com a consciência. A redução fenomenológica, ou *epoché*, é um recurso que nos conduz às fundações da experiência na consciência, pretensão e objetivo do método fenomenológico. Durante a redução fenomenológica nos servimos de várias modalidades de apreensão da experiência, dentre as quais destaco a intuição fenomenológica (estudada em Alarcão, 2008) como poderoso recurso de captação das manifestações psíquicas. A ideia é poder se servir das modalidades de contato com a experiência (intuição, apreensão sensorial, impacto afetivo, articulação intelectual, construção de juízos e conceitos) como degraus de penetração rumo ao conhecimento íntimo da vivência humana.

Com estas ferramentas em mãos promovemos um contínuo desvelar das experiências com a intenção de oferecer descrições cada vez mais próximas daquilo em que estamos engajados. Embora a ambição seja de aproximar de um conhecimento verossímil, ela não implica na invalidação de outros campos e métodos.

1.2 O essencial dos conceitos

A metodologia nos levará à “depuração” da experiência. Essa espécie de filtragem proporcionará o pensamento dos fatos através das coordenadas fenomenológicas que sustentam os conceitos fenomenológicos. Penetrando na intimidade das vivências a fenomenologia busca sua compreensão sob coordenadas de análise espaço-temporal (Alarcão, 2008), isto é, chega ao que propõe ser a fundamentação ontológica das experiências na consciência. Fundamentação que busca desvendar as formas de aparição e relação dos fatos

da vida com a consciência de cada um, usando como dissemos os parâmetros de espaço e tempo vividos.

1.3 Psicopatologia Fenomenológica

A psicopatologia é um campo individualizado de conhecimento que nasce da observação dos indivíduos. Esta observação descreve e destaca aspectos particulares associados a determinadas formas de manifestação de sofrimento psíquico. Seria preferível dizer psicopatologias dadas as profundas diferenças existentes entre as diversas escolas. De fundamental importância para qualquer leitura psicopatológica é a caracterização dos pressupostos de dado autor.

Grosso modo, podemos dizer que há essencialmente no campo psicopatológico uma série de tentativas de descrição de fenômenos psicopatológicos. Acima citamos os pressupostos metodológicos e conceituais da fenomenologia e são eles que fornecem insumo para nosso trabalho. A partir das condições da clínica perfazemos esse percurso para obtermos ao final, descrições fenomenológicas dos mesmos fatos clínicos observados por todos.

“Lo sé todo sobre el”, expressão que aparece em uma das obras de Minkowski é um exemplo do trabalho fenomenológico (Minkowski, 1973). Esta expressão encarnava o essencial sobre o encontro de Minkowski com um paciente esquizofrênico. A suspensão dos juízos acerca do que pode ser previamente informado através do diagnóstico de esquizofrenia (ou de outras informações como idade, profissão, etnia), a redução fenomenológica que chega às essências daquela vivência, a articulação dessa expressão com as coordenadas conceituais no tempo: uma temporalidade praticamente estanque irrompida por urgências e uma espacialidade que tem como emblema a geometrização, são uma breve resenha do trabalho realizado por um fenomenólogo. “O saber tudo sobre ele” aparece intuitivamente mediante o contato afetivo com o paciente, é articulado com uma temporalidade eternizada que incrementa a destilação intuitivo-afetiva inicial. Esse processo é acrescido das informações e vivências biográficas do paciente. A biografia não é retirada de cena, senão é usada para articular e rearticular as informações sobre o paciente, dependendo de como se quer fazê-lo.

2. A noção de estrutura psíquica

Acima descrevemos brevemente alguns aspectos da fenomenologia, dito isto resta-nos falar sucintamente sobre a noção de estrutura. Considera-se estrutura como o arcabouço do psiquismo, como a fundação, aquilo sobre o qual se assentam as demais instâncias mentais e sobre o qual se desenvolverá a personalidade do sujeito (Messas, 2010). Como em uma construção existe a planta, o projeto, o desenho, a arquitetura que sustentará a obra posterior. A estrutura não só sustenta como também orienta as formas sobre as quais as camadas posteriores organizar-se-ão, como estas camadas interrelacionar-se-ão.

A noção de estrutura é fundamental dentro do olhar fenomenológico-estrutural. Ela é fruto da metodologia e da formulação conceitual da fenomenologia. Quando se pode encontrar determinada estrutura tem-se a segurança de se ter alcançado uma informação útil para a clínica, porque nos orientará em nossas decisões terapêuticas. Se encontramos uma estrutura fóbica, na qual o espaço vivido é reduzido, a temporalidade marcadamente vivida no presente e a afetividade pontual, intensamente experimentada, temos orientações de como proceder para oferecer condições de superação das condições patológicas como também proporcionar condições de desenvolvimento psíquico. A construção desse conceito necessita promover uma nova leitura dos fatos vividos pela pessoa com estrutura fóbica.

3. Surgimento dos métodos de compreensão do psiquismo: biografia colocada em dúvida

Jaspers (2001) sugere que o conhecimento completo e absoluto de uma biografia seria desejável, porém impossível. Logicamente o objetivo do aprimoramento do conhecimento psicopatológico é oferecer hipóteses acerca de determinado funcionamento mental, que é o funcionamento mental de uma determinada pessoa. Estas hipóteses orientarão os tratamentos. Para que sejam formuladas, seria bem vindo que pudessem se aproximar da experiência individual de cada pessoa e então possibilitar ao interlocutor alguma forma de compreensão sobre o vivido pelo outro, não um outro qualquer, mas aquele outro, tão bem singularizado na poesia de Drummond (*Igual, desigual*. In: A paixão medida, 1980/2009, p. 273):

Eu desconfiava:

Todas as histórias em quadrinhos são iguais.

Todos os filmes norte-americanos são iguais.

Todos os filmes de todos os países são iguais.

Todos os Best-sellers são iguais.

Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.

Todos os partidos políticos são iguais.

Todas as mulheres que andam na moda são iguais.

Todas as experiências de sexo são iguais.

Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós são iguais, todos e todos

Os poemas em verso livre são enfadonhamente iguais.

Todas as guerras do mundo são iguais.

Todas as fomes são iguais

Todos os amores iguais, iguais, iguais.

Iguais todos os rompimentos.

A morte é igualíssima.

Todas as criações da natureza são iguais.

Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.

Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.

Ninguém é igual a ninguém.

Todo ser humano é um estranho ímpar.

Uma primeira dúvida: como delimitar esse conceito? Como defini-lo? Começamos pelo dicionário (Houaiss, 2005), no qual temos que biografia significa história da vida. História do nascimento à morte, que nos remete diretamente a uma ideia de contingência temporal. História que dá a ideia de

quem é e mais comumente, de quem foi alguém. Informações que buscam realçar e colorir como é aquele ser. A marca de alguém, precisamente, diferente das demais. As histórias podem ser parecidas, jamais idênticas. E se falamos tanto em história é necessário que busquemos também uma definição para história. Detenho-me com duas: narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida e a narração de acontecimentos e ações cronologicamente dispostos.

Biografia, portanto, um jeito de se transmitir como foi uma vida, dado que falamos em narração. A biografia não é a vida em si, há uma diferença. É a vida contada, narrada. Pode ser inclusive auto-descritiva e daí autobiografia, mas não é tradução automática da vida, precisa ser comunicada. A vida, conceito em si, prescinde da necessidade de comunicação. A biografia exige outrem para fazer sentido. Trabalho daquele que comunica a história de alguém. A vida contada e vista sob determinado vértice. A possibilidade de que esta vida seja vista e imaginada por outros. Toda narração encerra um narrador, uma história e um interlocutor.

Lancemos uma ideia. O progresso na compreensão do psiquismo começou quando se colocou a biografia em dúvida. A dúvida instituída no processo de avaliação das situações vividas deslocou o centro de observações dos fatos narrados, pelos pacientes, por suas famílias, para outros campos de hipóteses, além daquelas oferecidas pelo senso comum. A simples narração dos fatos esgotou-se como possibilidade de oferecer compreensões mais perspicazes no que diz respeito às aflições e sintomatologia psíquica. Foi necessário buscar em outras fontes dados que pudessem aprimorar e auxiliar no desenlace de situações limite. Seja na biologia, seja no inconsciente, seja na estrutura espaço-temporal da consciência fez-se necessário um deslocamento. Esses deslocamentos introduziram formas de conhecimento consistentes e particulares sobre a condição humana. Se a polarização durante muito tempo acontecia entre o mundano e o sagrado (o laico e o secular), a modernidade trouxe com a ciência (senso lato: não restrito às ciências naturais, incluindo as ciências humanas) uma verdadeira revolução na forma de compreensão da condição humana.

Dentre as possíveis formas de deslocamento vejamos com mais proximidade o que faz a biologia. Busca no organismo através do conhecimento da estrutura física, da anatomia, da função de cada parte a determinação de leis de funcionamento que regem a condução dos processos orgânicos. Desde a síntese de proteínas até a liberação de neurotransmissores, a localização de circuitos cerebrais e especificidades de cada região. Localizados os circuitos delimitam-se normal e patológico. Os comportamentos são expressões desse nível mais íntimo da experiência. A vida como vista pelos nossos olhos é a exteriorização de uma série de conexões biomoleculares que acontecem em

nossos organismos, desde as células da epiderme aos neurônios. Atenhamo-nos à essência dos métodos, menos aos achados específicos de cada um. Essencialmente a biologia desloca para seu centro específico de conhecimento a dimensão da vida humana e muito competente é quando encontra correlações que possam auxiliar.

A psicanálise enquanto clínica do inconsciente promove também à sua maneira um deslocamento do campo das observações. As manifestações humanas não mais são compreendidas como outrora e passam a encadear uma linguagem particular captada pelo aparato teórico clínico desse campo do conhecimento. A histeria do fim do século passado ganha novas formas, não mais simulação ou fingimento, mas compreensão de comunicações inconscientes, repressões e mecanismos de defesa.

A psicopatologia fenômeno-estrutural também elabora sua forma de compreender o psiquismo. Enviesando pela compreensão radical da consciência e suas formas de articulação com os vividos, a tradição desse campo concebe com perspicácia sua proposta de compreensão da condição humana. Espaço e tempo e a forma como a consciência articula-se nessa relação passam a determinar a matriz básica sobre a qual se inscrevem as outras expressões de nossa vida. A personalidade dissecada oferece novas linhas de entendimento. Novamente o deslocamento das proposições teórico clínicas, o deslocamento da mera descrição externa do observável faz surgir um fecundo campo de possibilidades.

Se pudéssemos colocar em suspensão os derivativos de cada uma dessas escolas de pensamento e de várias outras existentes e buscássemos uma possível essência dessa observação, poderíamos propor que historicamente houve metodologicamente o deslocamento que acima mencionamos. Esse deslocamento colocou em suspensão as formas usuais de compreensão para receber como acréscimo o que cada escola de pensamento propunha. Assim, as narrações factuais (biográficas) deram lugar a formas de transcender e hipotetizar sobre o que era observado. Seja através do organismo, do inconsciente ou da consciência espaço-temporal não interessa mais apenas o visto, o narrado, o biográfico. O desenvolvimento posterior das contribuições de cada escola por si só nos mostra que tal deslocamento fecundou e germinou ideias. Este(s) deslocamento(s) por fecundos que foram criaram conceitos e formulações muito consistentes que passaram a ter vida própria e inseriram-se nos discursos contemporâneos como objetos dotados de existência independente. As biografias não mais fontes únicas de observação, passam a ser reconstruídas de outras formas, adjetivada pelas teorias das escolas correspondentes. Assim, após estes deslocamentos fala-se em transtorno de

ansiedade, ou em mecanismos de defesa e também em personalidade sintônica e não raramente escutaremos pouco sobre aquele indivíduo especificamente.

4. Biografia e relação com fatos vividos

Dissemos acima que a biografia é a história da vida e, logo adiante, dissemos que a história é a narração cronológica dos fatos vividos. Narrar não implica exclusivamente determinar relações de causalidade. Narrar nos remete à ideia de uma exposição minuciosa e descritiva e não somente à designação das formas segundo as quais se relacionam os fatos narrados. As formas de relação destes fatos são as maneiras de interconectividade, que não estão encarceradas e encerradas em uma relação de causa e efeito.

Os fatos vividos sucessivamente acontecem. A biografia nada mais é do que a coleção destes fatos alinhavados por alguma forma de relação: como meu sono se relaciona com meu despertar; como a chuva se relaciona com meu atraso; como meu medo se relaciona com a possibilidade de ser assaltado. Podemos assim destacar os fatos e, também, estabelecer a forma sobre a qual ocorrem suas relações de sucessão. Resumidamente, teríamos os fatos de uma vida, as formas de sucessão destes fatos e a maneira de se transcrever esta trajetória. A investigação das formas de sucessão é seara extensa e intrigante que não será abordada nesse texto; aqui estamos interessados em ressaltar justamente o aspecto de que não há somente uma modalidade de sucessão, ou de interconexão entre os fatos vividos, componentes da biografia.

Não obstante, dentro das formas de sucessão, talvez a que mais se destaque diante de nossos olhos seja a relação de causalidade. Entretanto, devêssemos ser mais cautelosos. Se olharmos cada vez mais de perto talvez encontremos dificuldades em dizer algo acerca das reais causas dos fenômenos. A causa produz e origina determinado fenômeno e muitas vezes na vida, como dissemos o que encontramos são relações de sucessão. É apressado dizer que meu medo foi causado pela escuridão da noite, talvez seja esta a relação mais imediata, mas o caminho que deveríamos percorrer para afirmar algo assim deveria ser mais complexo. Por alguma razão parece que nos satisfazemos ao estabelecer que as coisas são causadas. Estamos aqui mais próximos do pensamento mágico, mesmo místico do que propriamente científico ou investigativo.

É certo que de alguma maneira somos capazes de formular algumas relações de causa e efeito. Se a chuva cai em um terreno seco, certamente foi

água da chuva que molhou aquele terreno. Se o vento sopra e balança a árvore que antes não estava em movimento, é bem provável que ele seja o causador do movimento. Se estou com febre e outros sinais e identifico determinado antígeno é provável que ele seja o causador da febre. Proporia o seguinte: o mundo físico-natural é o mundo de ocorrências mais provavelmente de ordem causal. Não é por acaso que as ciências naturais enunciam seus conhecimentos através de “leis”, isto é, algo que certamente ocorrerá se fizermos determinados experimentos.

Por outro lado é pouco provável que consigamos determinar a razão pela qual aquele filme me provocou aquela emoção, ou porque aquela pessoa me despertou determinado sentimento. Certo que talvez encontremos tendências, mas enunciar leis de causalidade na sucessão dos fatos da vida (biográficos) parece um pouco arriscado. As exceções e surpresas sempre acontecem além de não conseguirmos determinar com tanta precisão o que causou o quê.

Assim, se consideramos a biografia como o conjunto dos fatos vividos, poderemos tecer alguns comentários. Como buscamos desenvolver, há uma necessidade premente em todos nós de rapidamente indicar em uma relação de fatos interconectados causas e efeitos. Se enunciamos que a biografia é uma narrativa linear dos fatos vividos e se atribuímos a esta narrativa um modelo causal de relação, temos uma construção que em si já imputa o valor que concedemos à esta conceituação.

Seria importante que estudássemos as outras formas de sucessão dos fatos vividos que não são relação de causalidade, entretanto, não o faremos nesse artigo. Aqui gostaria de ressaltar que o valor de um conceito é dado pela maneira segundo a qual o concebemos. Assim, podemos valorizar ou desvalorizar determinado conceito além de lhe atribuir um valor que quiçá não contemple seus reais atributos, como acredito que acontece com o conceito de biografia, se olhado a partir dessa óptica que o contrapõe ao conceito de estrutura.

Da mesma sorte, se deslocamos nossas observações não mais para a biografia, mas para os modelos teórico-explicativos, sejam eles quais forem, também temos uma construção arriscada. Essa construção oferece uma sensação confortável de pré-conhecimento e previsão de fatos futuros, mas esbarra sempre em alguma exceção. E porque dizemos previsão de fatos futuros? Porque esta é a razão de qualquer esforço presente. Qualquer campo de estudo quer se preparar para o que virá, para o que ainda não aconteceu. Embora olhe para o passado e trabalhe assentado no presente, o projeto, o plano é tornar o amplo e irrestrito risco do futuro de certa forma menos assustador.

Ao atribuímos valores de causa e conseqüência para determinados eventos, estamos imputando de certa forma pré-condições de análise que, no campo das relações humanas, pode ser algo bastante questionável, rarefeito. Ao reduzir o conceito de biografia à ideia de uma narrativa linear de relações de causa e efeito, também reformulamos o conceito, retirando-lhe características preciosas e reduzindo-o a apenas um dos seus modos de operação.

Não queremos fugir da discussão complicada que propusemos acima. Dizer que a preliminaridade das atribuições de valor causal pode confundir a análise esclarece um pouco o assunto, mas ainda é insuficiente. Não pretendemos negar que, como observado nas relações do mundo natural, notamos também determinadas inter-relações de modo causa/efeito no campo das vivências psíquicas. Husserl sublinhou o equívoco que cometemos ao extrapolar indiscriminadamente para outros “mundos” as observações feitas a partir mundo natural. Vivemos atualmente um excesso desse deslocamento. A tentativa de tabulação dados psíquicos é o evento tradutor desse equívoco contemporâneo.

No momento em que nos rendemos diante da difícil tarefa de discriminar e singularizar cada vivência, cada situação, cada pessoa, damos um passo em falso. Como assinala Drummond, todos os fatos da vida podem ser iguais e, destituídos dos sujeitos das ações ficam iguais, entretanto, ao anunciar aquele que vive de maneira inigualável colorimos e nominamos aqueles fatos, aquela pessoa.

Se foi fundamental aprimorar conceitos, teorias e técnicas questionando o senso comum, é também fundamental realizar esta operação incluindo na análise a mundaneidade da biografia.

Como encontrar esta medida? Como intercambiar teoria e prática? Como possibilitar a validade vivida dos métodos de análise e compreensão que criamos? Cynicamente elegendo fatores externos de quantificação, quaisquer que estes sejam. De forma menos presunçosa, observando transformações microscópicas e não se apressando nas análises de sucessão dos fatos da vida. Digo, a gama de possibilidades de desdobramento entre os vividos é em primeiro lugar complexa para nossa apreensão e, em segundo lugar, fadada à imponderabilidade do futuro. Tendo em vista tais premissas também limitamos a utilização de nosso conceito.

5. Conclusão

“Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo”, diz Clarice Lispector (1978, p. 23). Sem dúvida ao deslocarmos a noção de biografia e desenvolvermos teorias sobre o conhecimento psíquico humano captamos alguma forma. Escrevo porque captei o espírito da língua, diz Clarice, mais ou menos como escuto e percebo determinadas manifestações humanas porque tenho dentro de mim este espírito que introjetou uma forma de captar o mundo. Forma que capta formas. Nossa questão é crucial. Nosso conteúdo não é outro senão a vida de alguém. A forma que captamos é preenchida por uma vida. Não é mero conteúdo, ou melhor, não deveria ser. A tendência natural é que realizemos essa transposição e que munidos de aparelhos muito eficientes de captarmos formas esqueçamos qual é o nosso conteúdo.

Se formos um pouco além, poderíamos dizer que essencialmente para aquele que nos procura pouco importará sua forma, dado que é a única que possui, esta não se alterará. Ou não? Como o conhecimento da forma pode ajudar no manejo do conteúdo? Como então associar forma e conteúdo de maneira útil? Acredito que o problema apontado no texto seja essencialmente este. Deslocamos o senso comum e apreendemos observações importantíssimas, colocamos em parênteses as biografias e pudemos observar que muito junto desta há certa invariância (a forma), sobre qualquer óptica olhada (qualquer linha teórica). Para o observador a invariância cada vez mais fica nítida e concisa. A forma constrói-se na medida em que o tratamento caminha. A forma é esculpida retirando-se os excessos de conteúdos. Como agora entremear novamente para o observado, sua forma e seus conteúdos? Como promover esta religação, para que o trabalho psicológico não seja apenas exercício intelectual observacional tanto de observadores, quanto de observados? Como presentificar, vivificar e comunicar a experiência adquirida no tratamento? Questões que permanecem abertas e fortalecem nosso espírito crítico, impulsionando-os no caminho do conhecimento.

Vivência Clínica

M. apresenta uma estrutura psíquica na qual destaco uma dificuldade de inserção na coletividade da vida de relações humanas. Introspectivo e circunspecto, relaciona-se na maior parte do tempo com suas próprias ideias e

pensamentos. Mistério é o apelido que recebeu da turma de amigos. O silêncio é marca do contato que estabelece comigo nas sessões. O olhar não se detém em mim, perde-se pela sala olhando para o infinito. A fala não segue fluxo linear no qual é possível acompanhar-lhe, conta pouco de si e do que vive. Tem sempre em sua companhia livros e passa muito tempo conectado na internet. Temporalmente experimenta uma vivência que tende à sensação de eternidade, nas quais as dimensões entre passado, presente e futuro, embora presentes, tendam ao esvaecimento. As necessidades da vida prática não lhe fazem sentido, sente-as como menos importantes, como se lhe rebaixassem e lhe desvalorizassem. Está interessado em realizar grandes feitos, como projeto recente de vida tem dito que gostaria de realizar intervenções urbanas (atos em espaços públicos que chamem a atenção das pessoas). Dialoga em suas leituras com grandes nomes da humanidade e tem como algo que lhe guia um desejo de transformar a realidade. A espacialidade está entrincheirada no plano das representações psíquicas, lá em seu mundo individual parece perder-se sem fronteiras, ir tão longe quanto pode alcançar. Aqui em um mundo compartilhado está restrito, com pouca mobilidade, aparentemente ameaçado por mudanças que incluam abalos em suas próprias ideias. Sente-se angustiado, não é possível discriminar e materializar sua angústia, que permanece como um sentimento atmosférico, vez por outra mais pesado, mas sem possibilidade de ser narrado, localizado ou identificado, algo que se alinha com sua espacialidade. Liga-se às pessoas pelas ideias e as sessões comigo lhe trazem, em suas palavras, o benefício de realizar uma metalinguagem, algo que está sempre posto como uma necessidade. O desenvolvimento e a perspicácia intelectual não acompanham outros componentes da vida. “Vivo assim há alguns anos”. O álcool é usado tanto para diluir a angústia como para “fazer sentir”. Diria que o álcool espacializa e materializa este sentimento atmosférico que lhe oprime e estes procedimentos são experimentados de maneira muito pessoal, algo que para os olhos dos outros é pouco compreensível, torna-se para ele natural, bem-vindo e desejado. Não só a diluição da angústia é buscada, como também a “encarnação” da possibilidade de sentir, de emocionar-se, daí sim com algo mais compartilhado. A atitude de beber é pouco aceita e compreendida, as conseqüências da embriaguez não: são, não somente compreendidas, como também compartilhadas.

Gostaria de destacar que a análise fenômeno-estrutural traz contribuições muito significativas para a clínica, do ponto de vista conceitual e também do ponto de vista terapêutico. São, contudo, apenas um vértice de observação e não o vértice de observação. Posso utilizar algumas noções com mais ou menos privilégio. No caso clínico considero que a biografia é aquela que dá o colorido e o preenchimento para a singularidade do caso. Se me sirvo de outras noções, como por exemplo, a noção de estrutura, ou as noções da espacialidade e da

temporalidade vivida estas não podem estar descoladas da história da vida. Se digo que a história da vida implica na sucessão histórico causal dos fatos, designo um limite muito estreito para uma noção um pouco mais ampla, que é o próprio emblema da noção de biografia. O “mistério”, o álcool, os livros, o desligamento da vida prática, são todos dados biográficos de suma importância para a validação da articulação dos conceitos e do método fenômeno-estrutural. São de capital importância! Outra coisa seria dizer o não-mistério, a água, o apego à vida prática. Todo ser - humano é um estranho impar.

Referências Bibliográficas

Alarcão, G. G. (2008). Fenomenologia da Intuição. In Messas, G. P. (org.) *Psicopatologia Fenomenológica Comparada* (pp. 65-79). São Paulo: Roca.

Drummond, C. A. (2009). *Nova Reunião, 23 livros de poesia*, v.2. Rio de Janeiro: Best Seller.

Houaiss, A. (2005). *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ªed. Rio de Janeiro: Objetiva.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Tradução de Márcio Suzuki. 2ª ed. Aparecida, SP: Ideias e Letras.

Jaspers, K. (2001). *Psicopatología General*. Tradução de Roberto O. Saubidet e Diego A. Santillán, 3ª ed. México D. F: Fondo de Cultura Económica.

Lispector, C. (1978). *A hora da Estrela*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio.

Messas, G. P. (2010). *Ensaio sobre a Estrutura Vivida*. São Paulo: Roca.

Minkowski, E. (1973). *El tiempo vivido*. Tradução de Ángel Saiz Sáez. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Tatossian, A. (2006). *A Fenomenologia das Psicoses*. Tradução Célio Freire. São Paulo: Escuta.